



PROJETO DE PESQUISA

TENSÕES NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA POLONESA: O CASO DA COLÔNIA AMOLA-FACA/VIRMOND (PR)

Selma Antonia Pszdzimirski Viechnieski¹
Rosangela Wosiack Zulian²

INTRODUÇÃO

Resumo: A construção identitária polonesa é o tema gerador desta pesquisa, que busca desenvolver um estudo sobre a constituição de Virmond, uma colônia de imigrantes poloneses, fundada no início do século XX. Abordam-se as possíveis relações entre a Igreja Católica e a formação identitária, e como essa relação teria marcado a vida dos moradores, estabelecendo práticas e saberes. Para essa compreensão há necessidade de estabelecer conexões com as mudanças ocorridas no interior da Igreja Católica naquele momento, de caráter global, conhecidas como romanização do catolicismo, e também as mudanças em nível nacional, com a busca da afirmação da igreja católica no Brasil. A religiosidade presente entre os imigrantes, com o desejo da continuidade de exercer sua fé vai estar presentes no lar, na escola e na comunidade como um todo. Ao referir-se à colonização dos imigrantes abordam-se questões como identidades individuais e coletivas, permanências e mudanças, e a construção da memória. Através de entrevistas com os imigrantes poloneses e seus descendentes (história oral) e ainda pela utilização de publicações da época propõe-se analisar o envolvimento da fé católica, da nacionalidade, do desejo de construir uma nova vida com a manutenção da polonidade, que se constituem nos laços que estruturam a identidade da colônia. O conceito de identidade perpassa a análise de todas as questões propostas.

TENSÕES NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA POLONESA: o caso da Colônia Amola-Faca/Virmond (PR) é o tema gerador desta pesquisa que pretende desenvolver um estudo sobre a constituição de Virmond, uma colônia de imigrantes poloneses, também conhecida como Colônia Amola Faca, fundada no início do século XX, localizada no Terceiro Planalto Paranaense, nos Campos de Guarapuava-PR, revelando possível relação existente entre a Igreja Católica e a formação identitária de sua gente, como isso teria marcado a vida dos moradores, ditando normas, conservando valores, estabelecendo práticas e saberes.

Ao pesquisar sobre a Colônia Amola Faca, atividade final do Curso de Especialização em História, Arte e Cultura, da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, em 2012-2013, com o tema “Virmond – uma colônia polonesa”, que trata da constituição da mesma no contexto da Política de Terras no Brasil e da imigração, entrei em contato com os trabalhos das professoras Elizabeth Johansen Capri (2003, 205p) e Rosângela W. Zulian (2009, 429p). A partir de então surgiu um novo olhar sobre o assunto, a percepção da necessidade de aprofundar a pesquisa, buscando compreender as questões identitárias, os traços de polonidade, a religiosidade dos colonos, o tratamento da educação, a formação da memória, e a relação da Instituição Eclesiástica em todo esse contexto.

Outros questionamentos foram se fazendo pertinentes a partir de novas referências. A pesquisa já realizada sobre a Colônia parecia então cheia de lacunas no sentido de entender sua formação identitária. Qual a relação entre a religiosidade e a educação escolar na constituição desta Colônia? Qual a base da estrutura discursiva da igreja católica que esteve presente no cotidiano dos colonos, levando não somente o evangelho, mas atuando nas questões de ordem educacional, moral e outras? Qual o contexto, neste período de fins de século XIX e início do século XX, de cada sujeito, instituição e poderes envolvidos? Como a identidade de um povo pode ser formada/mantida e/ou modificada de acordo com influências e o contexto em que se vive? Quais as tensões presentes na formação identitária e na constituição da Colônia Amola Faca?

Para compreender a formação da Colônia e a relação religiosa é necessário

¹ Especialização em HISTÓRIA, ARTE E CULTURA, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG (2013). Mestrado em História pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG (2017)

² Orientadora. Doutora em História (UFSC). Professora do Departamento de História e do Programa de Mestrado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

contextualizá-la com as mudanças que ocorriam no interior da Igreja Católica, com o projeto de mudança global do catolicismo e de modelo da igreja no Brasil, e com a imigração polonesa que trazia consigo o milenar apego religioso.

A imigração é vista como grande aliada neste processo, pois traria consigo a força da religião católica dentro dos moldes europeus. Os colonizadores viriam substituir as crenças populares pela catequese e evangelização, contribuído para o processo que desconsiderava a cultura do povo, subjugam-na ao ponto de tornarem-se obedientes à fé católica.

A formação da Colônia Amola Faca acontece também dentro do contexto brasileiro com as políticas imigrantistas, que tem entre seus objetivos a busca por proteger as fronteiras do sul do país, a persistente ideia de branqueamento da população, a necessidade de mão de obra, a vontade de preencher os vazios demográficos tornando-os produtores, a afirmação política do estado paranaense, a visão nacionalista dos intelectuais brasileiros, e ainda os projetos de mudança dentro da igreja católica.

Coincide ainda com o período de recuperação da autonomia do Estado polonês ocorrida em 1918, e a consequente vinda do Primeiro Cônsul da República da Polônia Kazimierz Gluchowski (em 1919) que reforçaria os objetivos de preservar o sentimento de patriotismo polonês no novo lar, fenômeno que pode ser definido como polonidade, o qual levava em conta especialmente a fé e a língua, aspectos reforçados pela presença dos padres, evitando assim o “abrasileiramento”. (TRINDADE, 2013).

Sobre esta relação temos em Viechnieski, (2013, p. 55), a seguinte colocação:

Com o apoio do governo do Paraná, o projeto de colonização com imigrantes começa a ser delineado. As primeiras ações para formar uma nova colônia polonesa partiu do 1º cônsul polonês, Sr. Kazimierz Gluchowski, objetivando favorecer patrícios recém-chegados ao Brasil e dispersos pelo país .

Talvez este cenário possa contribuir para explicar a formação identitária da Colônia Amola Faca, pois se pode perceber que durante muito tempo não houve a integração dos colonos com outros povos, mas que ao contrário uniram-se em torno de objetivos comuns, como a forte religiosidade, a língua, o apego às tradições de sua terra natal, o desejo de vencer as dificuldades impostas na nova terra e esquecer as mazelas que o fizeram partir. Isto se percebe nas ações, como a rapidez com que se uniam para a construção da igreja e os ensinamentos

escolares, mas especialmente nos discursos e práticas presentes na formação da memória.

A influência polonesa na formação/transformação do imaginário popular na Colônia Amola Faca – Virmond parecem evidentes, especialmente nas primeiras três a quatro décadas, quando se procurava manter o máximo de tradições, buscando inclusive realizar os casamentos entre membros da mesma etnia. Em meio a uma conversa é comum ouvir frases claras sobre a distinção que faziam entre uma etnia e outra, especialmente referindo-se aos brasileiros, como podemos ver em trechos de uma entrevista: “O pai sempre falava para não se envolver, namorar, com os brasileiros, se fosse com outro imigrante ainda permitia, mas a preferência era com polônés.” (GELINSKI, 2013). Ou ainda:

Quando foi construída a primeira escola pública estavam de passagem por Virmond os trabalhadores da Estrada Estratégica, e aí foram estudar todos juntos, mas sempre havia brigas, a piazada rolava no chão, os brasileiros xingavam os polacos, chamando de polaco azedo, e outros xingamentos. A tarde isso não acontecia, pois os filhos dos colonos estudavam separados, frequentando o Colégio das Irmãs com aulas de artesanato e outras, ali se sentiam melhor. (FREITAS, 2013).

A construção da identidade da Colônia Amola Faca e a formação da memória pode ser explicada pelo viés da compreensão em suas raízes, na chegada do imigrante e nas relações que foram estabelecendo, nas influências recebidas, na permanência dos traços culturais, na forte tentativa de preservar os laços étnicos, no fenômeno da polonidade, na dificuldade de inclusão e aceitação de outras etnias dentro da comunidade.

A constituição de Virmond não foge a realidade das inúmeras etnias ou comunidades que carecem de estudo no território brasileiro, que não tem suas histórias registradas. Segundo a interesses maiores, estaduais e nacionais, visando à ocupação do espaço e a produção agrícola, dentro do contexto político e econômico. É preciso investigar sobre como a mesma se formou, em que perspectivas, quais suas características, visto que está se tratando da história de um grupo de pessoas, que mesmo inseridas num contexto mais amplo, têm seus próprios objetivos, suas experiências, sua forma de viver, recebendo ou não a influência externa, como neste caso da Igreja Católica.

A pesquisa se dará em torno da formação identitária que começa a se perceber desde o início da colonização, estabelecendo relações com a Instituição

Eclesiástica que tinha entre seus objetivos firmar-se no Brasil. Em se tratando da constituição de um espaço e a colonização por imigrantes é importante que se busque questões como identidade individual e coletiva e a construção da memória. Cabe ainda salientar que já são poucos os imigrantes, ou descendentes diretos em condições de contribuir.

Nesse sentido, entendemos que a construção do conhecimento histórico vem ganhando novas dimensões, como podemos verificar:

O estudo de História Local e Regional nem sempre teve importância no mundo acadêmico, apenas a partir do final década de 1980, surgem trabalhos mais sistematizados relacionados ao tema. (...) tornou-se viável estudar aspectos que até então não eram mencionados nas academias, ampliou-se à visão dos agentes elaboradores da história, deixou-se um tanto de lado a noção tradicional da narrativa histórica para buscar uma história problema. (...) Por esta ótica, nota-se a importância do estudo da História Regional e Local no universo historiográfico, uma vez que ela aproxima o historiador do seu objeto de estudo. A narrativa deixa de ser fundamentada em temas distantes para se incorporar aos fenômenos históricos da região, consequentemente do município. Passa existir a construção de uma história plural, sem qualquer tipo de preconceito e os excluídos passam a ter voz. (SILVA, 2004).

A importância desta pesquisa não cabe só ao município de Virmond, compreendendo que nessas mesmas condições há ainda muitos outros locais e populações que não tiveram suas histórias registradas. Assim, procura-se contribuir para a discussão acerca da história local e regional, da formação de identidades e memória social.

A formação de uma colônia, de uma comunidade, não se explica somente por documentos, por dados oficiais, personalidades importantes, mas se revela especialmente pelas histórias do povo, pelas vivências, pelas experiências pessoais e coletivas. Em Pierre Nora apud Le Goff, (2003, p. 467), vemos a “memória coletiva, definida como o que fica no passado, no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado.” Ainda em Le Goff, (p.469), temos que “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência ou pela promoção”.

As recordações familiares, as histórias locais, os causos populares, somam-se num vasto e rico material carregado de conhecimentos não-oficiais, mas que representam a consciência coletiva de grupos

inteiros ou de indivíduos. É esse emaranhado de experiências, de saberes e práticas, que formam a cultura local, que dão sentido à história, que fazem transpor o tempo e compreender as relações entre mudanças e permanências, entre poder e casualidade, entre passado e presente.

Para compreendermos como se deu a formação da colônia polonesa em Virmond, precisamos partir das histórias individuais e coletivas que formaram a memória histórica, e ninguém melhor para contá-la do que os próprios imigrantes e seus descendentes. São eles o ‘fio condutor’ que nos levarão a perceber o desenrolar dessa história e perceber também que não existe uma verdade absoluta, mas que a história é uma construção permanente, à medida que novos fatos e documentos vão surgindo, comprovando ou desacreditando ideias.

As histórias contadas por cada um dos atores são como um grande quebra-cabeça, que aos poucos vai ganhando forma, deixando transparecer os destinos inscritos em uma sociedade, através dos quais percebemos uma racionalidade nas escolhas, livres ou vinculadas às condições possíveis encontradas pelos caminhos comuns que percorreram. De acordo com Le Goff, (2003, p. 469) “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais das sociedades de hoje.” A história oral nos revela, muitas vezes, o ‘indescritível’, uma série de realidades do cotidiano que raramente aparecem nos documentos escritos, seja por serem consideradas insignificantes ou por serem de certo modo inconfessáveis. (ALBERTI, FERNANDES, FERREIRA, 2000, p.33).

Os traços de sua formação responde a cultura dos imigrantes que para ali vieram, os poloneses, que longe de sua terra natal tentavam conservar sua maneira de viver. Porém, em se tratando de um lugar muito diferente de sua terra de origem, nos mais diversos aspectos, e de acordo com as necessidades que vão surgindo, os imigrantes vão dando um caráter próprio para a colônia, construindo sua identidade a partir de antigas e novas experiências.

Nesse sentido encontramos a forte presença da Igreja Católica, que se encontrava num momento de transformações internas. Conforme Zulian (2010, p.301).

A imigração coincidiu com um projeto de mudança mais global do catolicismo e da Igreja do Brasil, ou seja, o projeto da romanização deste catolicismo. Assim, os imigrantes católicos acabam contribuindo

seja para a afirmação da igreja tridentina e do catolicismo romanizado, seja para assegurar os vínculos de dependência cultural e econômica para com as nações da Europa.

O detalhe de a imigração não ser motivada apenas pela livre iniciativa de um grupo de pessoas, mas relacionada a um cenário conflituoso, onde sair era muitas vezes a única esperança de uma vida melhor, ajuda a explicar as possibilidades da instituição religiosa em se firmar, um campo vasto para ser explorado, com milhares de pessoas fragilizadas e em situação de risco. A opressão e a miséria vividas pelo imigrante em seu país de origem, comuns na maior parte dos contingentes migratórios, e a possibilidade de possuir terras e vivenciar livremente a religião católica foi decisiva no momento de escolher partir, deixando sua terra natal, aventurando-se para além dos oceanos.

O fato de os poloneses serem católicos por tradição vinha de encontro aos interesses da Instituição Católica e de seus projetos para com o Brasil. De acordo com Zulian (2011, p.02),

A instituição católica na Europa, ao reelaborar Trento, apresentou uma leitura da sociedade de seu tempo e tentativas de implantação além-mar de um ideário e práticas que visavam transformar uma catolicidade de tradição lusa e caráter leigo em um catolicismo romano e clerical. No Paraná esse processo fez-se de forma tardia e tensionada, pois relacionado com as formas pelas quais o poder político-religioso foi sendo articulado na sociedade local.

A primeira vista parece que a relação entre os colonos e a igreja traria benefícios para ambos. Para os imigrantes poder contar com o apoio da Igreja Católica representava um grande alívio, a fé os mantinha firmes aos novos propósitos, a certeza de poder expressar essa fé livremente era motivo de grande alegria e buscavam seguir os preceitos dessa instituição. Tanto que logo que se fixavam nas colônias entre suas primeiras preocupações estava a construção da igreja, conforme podemos ver em Viechnieski (2013, p. 83),

A construção de uma igreja e da vinda de padres com frequência para a colônia era desejo de todos os moradores, e sua instituição influenciava a vinda de outros imigrantes. A religião católica foi um elo forte entre os imigrantes poloneses, significando muitas vezes um alento às dificuldades encontradas, tanto aqui como na Polônia.

De acordo com Wachowicz (1981, p. 93), a paróquia e o padre polonês eram indispensáveis para o

camponês (polonês). A igreja era o centro espiritual, mas também o núcleo onde o colono satisfazia as suas necessidades de comunicação com os semelhantes. No Brasil essas necessidades assinalavam-se mais ainda, em razão do isolamento em que lhes coube viver. A igreja, a paróquia e o padre foram por muito tempo, em muitas colônias do Brasil, o único fundamento da unidade entre os colonos.

A chegada dos imigrantes poloneses em Virmond teve inicio em 1921 (PSZDZIMIRSKI, 1998, p.16), e já em 1922 começam os projetos de construção de uma igreja, o que demonstra a importância da mesma para os colonos, como podemos ver no trecho de uma carta de um morador, professor Henrique Krygier, publicada no Jornal LUD:

Já a partir de março de 1922 foi iniciada coleta de contribuições para a igreja e com esse objetivo foi decidido que cada um contribuiria com uma taxa de 1\$ por alqueire, além de uma contribuição na importância de 10\$ de cada colono. Como todo começo é difícil, também aqui a questão se defrontou com fortes obstáculos de ordem financeira. As contribuições afluíram ao caixa muito devagar. Isso não é admirável, porquanto no primeiro ano o colono só foi capaz de construir para si algum rancho, com dificuldade dando conta da própria miséria. (...) Portanto, graças à generosidade das pessoas de boa vontade, foi reunida uma importância bastante significativa, de maneira que no inicio de 1927 foi possível por mãos à obra. (Lud 1927, p. 2-3).

O conteúdo da carta reforça a preocupação com a religiosidade, mostrando a sua importância inclusive como mantenedora da unidade do povo polonês que muitas vezes os amparou e delineou seus caminhos.

Depois de estabelecidos em suas terras, com a vida religiosa encaminhada, era o momento de pensar na educação escolar dos filhos. No decorrer do processo imigratório a escola era vista pelos estrangeiros como uma possibilidade de manter nas gerações futuras a noção da nacionalidade de origem, dos costumes, a língua e a religião, isto é, manter sua identidade. (CAPRI, 2003, p.48). Naquela época, início do século XX, o governo brasileiro não tinha organizado ainda uma rede educacional que atendesse o interior do Brasil, embora estivesse prevista na Constituição Brasileira. Assim a escola era mais um campo de atuação livre para a igreja difundir seus princípios.

Com o ensinamento cristão os pais sentiam a responsabilidade quanto à educação de seus filhos, responsabilidade esta assumida também pela Igreja que confirmava tais valores: uma boa educação, austera e cristã era o maior tesouro que os pais poderiam deixar aos filhos. Os pais deviam ensinar os conhecimentos

mentos acerca de Deus, os deveres da vida cristã, o ódio aos vícios e o amor às virtudes, dando sempre o bom exemplo. O trabalho dos professores era visto de forma indissociável das ações dos pais, porque a escola e seu exercício educacional deveria ser uma continuação dos ensinamentos religiosos que recebiam no lar. "A instrução de crianças, sob o olhar da hierarquia católica, era mais uma forma de catequização, de reforçar os princípios católicos ensinados no lar e de propor uma normatização do grupo social a partir de seus parâmetros morais e religiosos". (CAPRI, 2003, p.78).

Da mesma forma que na construção da igreja, os colonos se uniram desde o princípio para viabilizar a instrução de seus filhos. Os valores cristãos inculcados em casa e na igreja eram reforçados na sala de aula. A formação identitária na colônia se fez presente nos valores culturais e vivências comuns que os imigrantes trouxeram consigo, mas também foram fortalecidas com o apoio da igreja e da escola, importantes instituições para os colonos. A fé católica, a nacionalidade, o desejo de construir uma nova vida com a manutenção da polonidade se constituíram nos laços que estruturaram a identidade da colônia, com traços característicos comuns também em outras colônias polonesas. De acordo com Seyferth (2011), identidade e cultura são fenômenos entrelaçados que podem ser observados nos estudos sobre migração e imigração. Neste trabalho que trata de um estudo de caso, de uma colônia polonesa, busca-se relacionar fatores que contribuíram para sua constituição, analisando a dimensão cultural da imigração com a influência da igreja católica.

No decorrer do trabalho, a história oral nos conduz à compreensão da formação identitária, na construção de memórias individuais e coletivas. De acordo com Capri (2003, p.146), a identidade, no caso dos imigrantes, é dada pela sua origem e continua em certos elementos culturais considerados importantes para as populações, como a língua materna, a capacidade de trabalho e a participação nas atividades das associações, entre estas associações a força do campo religioso.

Dentre fontes disponíveis, há ainda um importante conjunto de publicações contidas em periódicos de idioma polonês, especialmente os jornais *LUD*, *WIT* e *GAZETA POLSKA W BRAZYLII*, a maioria datando a década de 20, constituindo-se em correspondências, propagandas de venda de terras e notícias diversas sobre a Colônia Amola Faca.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Compreender quais as tensões que se fizeram presentes na formação identitária e na constituição da Colônia Amola Faca - Virmond, refletindo sobre a construção de identidades individuais e coletivas;

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- I. Buscar compreender as condições da Polônia, país de origem dos colonizadores poloneses, no momento da imigração destes para o Brasil;
- II. Compreender a relação existente entre a Igreja Católica e o processo de colonização da Colônia Amola Faca;
- III. Perceber como a identidade de um povo pode ser formada/mantida e/ou modificada de acordo com influências e o contexto em que se vive;
- IV. Analisar o projeto romanizador do catolicismo que coincidiu com o período da imigração para o Brasil;
- V. Perceber a importância dos imigrantes católicos para a afirmação do catolicismo e o estabelecimento de vínculos culturais europeus no Brasil;
- VI. Relacionar a situação em que se encontravam os poloneses em seu país de origem quanto ao aspecto religioso com a liberdade que poderiam encontrar no Paraná para expressar livremente sua fé;
- VII. Compreender o contexto brasileiro de construção de um projeto nacionalista, proposto por intelectuais brasileiros e por ações governamentais.
- VIII. Analisar o cotidiano dos imigrantes nos primórdios da colonização da Colônia Amola Faca, refletindo sobre a construção de identidades individuais e coletivas e da memória social;
- IX. Refletir sobre a instituição de saberes e práticas na Colônia sob a influência da Igreja Católica;
- X. Discutir a relação entre os saberes escolares e os saberes da Igreja Católica na formação cultural dos colonos;

METODOLOGIA

Dentro da proposta de trabalho que apresentamos “A Colonização de Virmond e a influência da Igreja Católica na sua formação identitária”, a pesquisa se desenvolverá de acordo com a seguinte metodologia: métodos de abordagem e de procedimento.

O método de abordagem está vinculado com o plano geral do trabalho, proporcionando as bases lógicas da pesquisa, ao raciocínio que se estabelece como fio condutor do mesmo. Dentro do método de abordagem se fará uso do método dedutivo, induutivo e dialético. Dedutivo na medida em que se parte de um conhecimento mais amplo (imigração, projeto romanizador do catolicismo, afirmação da igreja católica no Brasil, polonidade), da macro história, para se explicar um caso particular (a instituição da colônia polonesa de Virmond e sua formação identitária), na micro- história. Indutivo na medida em que se parte de fatos singulares (o cotidiano de famílias pioneiras, histórias particulares de imigrantes, sua fé, saberes e práticas dos colonos...) para se chegar a um conhecimento mais geral sobre a imigração, a colonização, e a ação da igreja católica, observando casos concretos para confirmar a realidade. Dialético na medida em que buscará analisar todos os possíveis fatores que envolvem o tema estudado, dialogando com os fatos.

O método de procedimento será utilizado na aplicação das técnicas que delinearão a pesquisa, mais especificamente nas fases de desenvolvimento da mesma. Dentre estes, o método comparativo, estatístico, etnográfico, e histórico. O método comparativo na medida em que poderá promover o exame dos dados obtidos, constatando diferenças e semelhanças e estabelecendo relações entre as situações, como exemplo questões relativas à imigração, a colonização, e os projetos da igreja católica. O método estatístico ajudará no tratamento quantitativo de imigrantes para o Brasil e estabelecidos na colônia, fornecendo uma base concreta de dados a serem analisados. O método etnográfico auxiliará no tratamento da etnia polonesa, compreendendo aspectos mais específicos de sua cultura que moldaram a colônia. O método histórico colocará os dados já pesquisados numa perspectiva histórica, comparando elementos com sua origem histórica, diferentes contextos que se entrelaçam, formações anteriores que foram precursoras aos fatos, e acompanhando as transformações destes no decorrer da

história, e isso se dará em todo desenvolvimento do trabalho, no tratamento de todas as questões.

Dentro dos procedimentos o trabalho se utilizará da pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, e da pesquisa de campo.

A pesquisa bibliográfica se dará a partir de material já publicado, num primeiro momento a partir da leitura de autores como: AZZI, 1974; BORTKIEWICZ, 2000; BOURDIEU, 1989, 1996; BURKE, 1992; CAPRI, 2003; CARDOSO, 1997; CHARTIER, 1991; GARDOLINSKI, 1958, 1976; HOBSBAWM, 1990, 2005; LE GOFF, 2003; SEYFERTH, 1981, 1990, 2000, 2011, (...); STAWINSKI, 1976; WACHOWICZ, 1974, 1981, 1982, 1995, 2002 (...), WEBER, 2009; ZULIAN, 1997, 1998 (...), alguns com maior profundidade, constituído principalmente de livros, artigos e periódicos. Cito também a “*Polonicus: Revista de reflexão Brasil-Polônia*”, da qual utilizarei diversas edições, com artigos de vários autores, como KAWKA, ORZEL, entre outros; e *Projeções: Revista de estudos polono-brasileiros*, da mesma forma com estudo em várias edições e seus diferentes autores, como SCHR, STELMACHOWSKI. Também material disponibilizado na Internet, buscando-se obter meios que auxiliem na definição e resolução dos problemas já conhecidos. A mesma permitirá também que um assunto seja analisado sob nova abordagem e perspectiva, produzindo novas conclusões. Sua realização se dará da seguinte forma: Exploração das fontes bibliográficas, impressas e na internet: livros, revistas científicas, teses, relatórios de pesquisa entre outros, que contêm além de informação sobre o tema específico, outras indicações de novas fontes de pesquisa; leitura do material, selecionando aquilo que é essencial ao desenvolvimento da pesquisa; elaboração de fichas contendo citações a serem utilizada posteriormente; análise e organização das fichas, de acordo com o seu conteúdo, conferindo sua credibilidade; análise das informações coletadas agrupando-as em uma única fonte de dados, facilitando os próximos passos do trabalho.

A pesquisa de campo consistirá na ida aos locais, como Casa da Memória Polonesa de Virmond, Igreja Matriz nossa Senhora de Monte Claro, Escola Municipal Henrique Krygier, entre outros e às pessoas, imigrantes de descendentes de imigrantes, conferir pessoalmente o fato estudado. Os trabalhos se darão da seguinte forma: Elaboração de questionário de entrevista; realização de entrevistas com descendentes de imigrantes e se possível com seus respectivos pais, e com representantes religiosos; Siste-

matização de dados; Interpretação de dados dentro de uma concepção dialética; Submissão dos dados transcritos após entrevista aos depoentes e solicitação de utilização dos mesmos mediante assinatura; Registro dos dados, constando as informações alcançadas no processo de pesquisa e comentário dialético sobre os dados.

A pesquisa documental consistirá na análise de fontes primárias. Sua realização consistirá na organização, seleção e análise dos documentos, como escrituras, certidões, atas, livro do tombo, cartas, passaportes, fotos, entre outros. Dentre fontes disponíveis, um conjunto de publicações contidas em periódicos de idioma polonês, especialmente os jornais *LUD*, *WIT* e *GAZETA POLSKA W BRAZYLII*, a maioria datando a década de 20, constituindo-se em correspondências, propagandas de venda de terras e notícias diversas sobre a Colônia Amola Faca.

FONTES

Quanto ao acesso a documentos e entrevistas com imigrantes e descendentes de imigrantes foi realizado um primeiro encontro tratando do assunto e conversando sobre a importância da participação e colaboração para o desenvolvimento da pesquisa proposta, estando todos de acordo.

Os locais como a Casa da Memória Polonesa de Virmond, por exemplo, são abertas ao público, com livre acesso aos seus documentos. Outros, como Igreja, contam com a autorização dos padres para estudo de seus documentos.

ARQUIDIOCESE DE GUARAPUAVA. Arquivo documental.

BUGAY, Helena. ARQUIVO PESSOAL, Fotografias. **CASA DA MEMÓRIA POLONESA DE VIRMOND –** documentos diversos sobre os colonizadores.

FREITAS, Edvirges de. Entrevista e exame de fotografias e documentos de seu arquivo pessoal.

GELINSKI, Eslava. Entrevista.

JORNAL LUD. Diversas edições.

JORNAL WIT. Diversas edições.

JORNAL GAZETA POLSKA W BRAZYLII. Diversas edições.

LIMA, Alice Radecki. Entrevista e exame de fotografias e documentos de seu arquivo pessoal.

LISOVSKI, BalbinaSzchytka. Entrevista.

LIVRO DO TOMBO OFICIAL DA PARÓQUIA N. SRA. DE MONTE CLARO DE VIRMOND.

ORZECHOVSKI, Julia Ludimila Krygier. Entrevista e

exame de fotografias e documentos de seu arquivo pessoal.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE MONTE CLARO DE VIRMOND. Arquivo documental.

RADECKI, Jorge. Entrevista.

VIECHNIESKI, Selma Antonia Pszdzimirski. ARQUIVO PESSOAL, fotografias, mapas, e documentos.

ZAPALOWSKI, Geraldo. Entrevistas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., org. **História oral: desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf>, acesso em 09/10/2013.

CAPRI, Elizabeth Johansen. **De Católicos Poloneses a Ponta-Grossenses Católicos: A Escola Sagrada Família – 1933-1945.** Curitiba. 2003.

JOHANSEN; SACCHELLI; ZULIAN. **Fontes para a história eclesiástica dos Campos Gerais.** Revista de História Regional 11(2): 163-177, Inverno, 2006. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2234/1716>. Acesso em 26/01/2014.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 5º Ed. Campinas: Editora da UNICAMP. 2003.

PSZDZIMIRSKI, Selma. **Virmond - Colonização e Desenvolvimento.** CESLA - Centro de Estudos Latino-Americanos Universidade de Varsóvia. 88p. 1998.

SEYFERTH, Giraldia. **A dimensão cultural da imigração.** REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 26 N° 77 Vol. 26 n° 77 Outubro /2011. Disponível em <<http://www.scielo.br>>acesso em 14.01/2013.

SILVA, Luis Carlos Borges da. **A Importância do estudo da História Regional e Local no Ensino Fundamental I.** 2004. ANAISdo III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 04: História e Educação: sujeitos, saberes e práticas. Disponível em: http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_III/luis_carlos.pdf, acesso em 18/01/2013.

TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski. **POLKOSC, Identidade e etnicidade polonesa: conceitos em construção.** Anais Eletrônicos do II Congresso História Regional. 2013. UFRGS.

VIECHNIESKI, Selma Antonia Pszdzimirski. **Virmond – uma colônia polonesa.** Monografia apresentada ao curso de Especialização em História, Arte e Cultura, da UEPG. 2013.

WACHOVICZ, Ruy Christovan. **O Camponês Polonês no Brasil.** Curitiba, 1981.

ZULIAN, Rosângela Wosiack. **“Alguns pontos de reforma na igreja do Brasil” e a assistência ao imigrante: considerações sobre o caso do Paraná.** ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH. **Revista Brasileira de História das Religiões.** Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em 14/02/2014.

_____. **“Bêbados, arruaceiros e sovinas”: a Igreja Católica e o imaginário imigrante no início do século XX –Ponta Grossa (PR).** História: Debates e Tendências – v. 9, n. 2, jul./dez. 2009, p. 299-313, publ. no 1º sem. 2010.

_____. **Catolicismo e educação em Ponta Grossa (1889-1930).** Ponta Grossa, 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Ponta Grossa.

_____. **ENTRE O AGGIORNAMENTO E A SOLIDÃO: práticas discursivas de D. Antonio Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa – PR (1930-1965).** Tese de Doutorado. Florianópolis. 2009. 429p.